



A CRÍTICA SOCIAL EM *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA*

José Carlos Santana Júnior

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

José Alonso Tôrres Freire

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a representação do contexto histórico social e dos valores da sociedade carioca do final do século XIX no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (2010), de Lima Barreto, especialmente quanto à questão do culto das aparências no microcosmo da trama. Como vários críticos já apontaram, tais como Antônio Candido (2003), uma das principais preocupações de Lima Barreto é a análise da sociedade em que ele se insere. Além do romance selecionado, essa preocupação é recorrência em vários textos do autor, tais como "A nova Califórnia" e "O homem que sabia javanês" e o romance *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, entre outros, em que aparece a crítica a uma sociedade que vive de aparências e que valoriza a cultura superficial. Como veremos, no romance, o personagem Policarpo Quaresma, por seu percurso e seus ideais, pela leitura atenta, pelo estudo e pela indignação diante das barreiras impostas, é um contraponto importante a uma minoria bajuladora e soberba. Como suporte teórico, recorreremos a estudiosos do Modernismo, tais como Wilson Martins, com *A Literatura Brasileira: O Modernismo* (1967), entre outros. Com relação à crítica literária, serão referências textos de Antônio Candido (1967; 2003), além de texto crítico de Moacir Scliar (2001) sobre o personagem. A crítica que se projeta no romance só é possível pelo contraste entre o percurso idealista do personagem principal e seus interlocutores mais próximos.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Romance, Policarpo Quaresma. Crítica social. Lima Barreto.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the representation of the social historical context and the values of the Carioca society from the end of the 19th century in the novel *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (2010), by Lima Barreto, especially because of the cult of appearances in the microcosm of the plot. As several critics have pointed out, such as Antônio Candido (2003), one of the main concerns of Lima Barreto is the analysis of the society which he is inserted in. In addition, the same recurrence appears in several short stories by the author, such as "A nova Califórnia" and "O homem que sabia javanês", among other texts, in which criticism appears to a society that lives by appearances, that values the superficial culture. Policarpo Quaresma sought to subvert the social system, which afflicted him, by reading, studying and expressing indignation at the barriers imposed by a proud and flattering minority. As the theoretical basis, Modernism scholars, such as Wilson Martins, with *A Literatura Brasileira: O Modernismo* (1967) are approached. Regarding literary criticism, there are references from texts by Antônio Candido (1967 and 2003) besides a critical text by Moacir Scliar (2001) about the character Policarpo Quaresma. This criticism is only possible by the contrast between the idealistic path of the main characters of both the works cited and their closest interlocutors. Through this research, it is intended to emphasize the importance of the work of Lima Barreto for the Brazilian Literature not only in social criticism and in the critical aspect of a society that lives by appearances but also in the contrast with extreme idealism and patriotism.

Keywords: Brazilian Literature. Novel. Policarpo Quaresma. Social criticism. Lima Barreto.



José Carlos Santana Júnior é graduando do Curso de Letras/Inglês da UFMS/CPAQ, voluntário de Iniciação Científica – PIVIC 2017/18.

E-mail: jrfachu@hotmail.com

José Alonso Tôrres Freire é professor adjunto da UFMS/CPAQ.

E-mail: jatfreire@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a representação do contexto histórico e social e dos valores da sociedade carioca do final do século XIX no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (2010), de Lima Barreto, publicado pela primeira vez em livro em 1915, especialmente quanto à questão do culto das aparências no microcosmo da trama.

No fim do século XIX para o início do século XX, a abolição da escravidão marca, no Brasil, a transição tensa do Império para a República. O Brasil, antes agrário, agora jovem república, precisava adaptar-se econômica, social e culturalmente para acompanhar os níveis europeus de modernidade. Com isso, as fábricas automatizadas, os engenhos a vapor, as ferrovias, as zonas industriais e novos meios de comunicação foram modificando paulatinamente a paisagem do país. O governo de Floriano Peixoto protagonizou a república da espada (1889-1894), que afligia as ideologias de igualdade, liberdade e fraternidade e apoiava o crescimento do abuso capitalista no Rio de Janeiro. Seguiu-se um período caracterizado por presidentes ligados às oligarquias rurais, constituídas por cafeicultores de São Paulo e pecuaristas de Minas Gerais, era a chamada República do café-com-leite (1894-1931).

Os líderes monarquistas se tornaram republicanos, porém, continuou a política imperialista e um liberalismo aparente ligado às oligarquias chefiadas por latifundiários. Além da nobreza fundiária, que era o sustentáculo do governo civil, exercia um papel político

relevante a burguesia industrial que estava em formação no Rio de Janeiro e em São Paulo. Essa ligação conferia à lavoura cafeeira, somada à pecuária, um ponto decisivo nas questões e decisões econômicas e políticas do país. Paralelamente, aumentavam as desigualdades entre as regiões e entre as diferentes classes sociais. Os antigos escravos, que pouco ou nada haviam conseguido desde a Abolição, muitos deles marginalizados na nova ordem, e os imigrantes europeus, que chegavam para trabalhar nas lavouras ou nas indústrias recém-criadas, eram submetidos a condições de trabalho deprimentes.

Por todo o país estouravam revoltas do povo contra o sistema político e socioeconômico: o Nordeste vivia a estagnação econômica, em São Paulo ocorriam inúmeras greves operárias, e o Rio de Janeiro sofria a revolta da vacina, que foi um protesto do povo, mais contra a opressão do que contra a vacina obrigatória (SCHWARCZ, 2017).

No entanto, mesmo diante desses fatos históricos tão relevantes, poucos foram os literatos que observaram criticamente a realidade da época e a grande maioria se preocupava muito mais em imitar o que se fazia na Europa: cultivavam a escrita culta e elitista e frequentavam os cafés, que eram o ponto de encontro dos intelectuais. A busca pelo prestígio social através da literatura era incessante, contudo, mantinham-se os padrões da estética parnasiana e simbolista. Desse modo, o que se produziu em literatura pouco descreveu ou abordou de maneira crítica a realidade social brasileira da época.

Nesse cenário, Lima Barreto desvia-se da regra, pois observa com olhos críticos a realidade nacional e constrói uma obra com um olhar bem contemporâneo e, em muitos aspectos, bastante atual. O lugar de destaque que ocupa na literatura nacional se deve à força com que representou a hipocrisia e a mediocridade burguesa emergente da



sociedade carioca no fim do século XIX, sobretudo, o povo sofrido dos subúrbios. Nesse sentido, romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* é uma grande contribuição de Lima Barreto para a literatura brasileira, pois narra os ideais e a frustração do funcionário público Policarpo Quaresma, homem ético, metódico e nacionalista, em contraste com os personagens com que interage. Por outro lado, a relação de Lima com a cidade do Rio de Janeiro é uma relação intensa, como se estivessem ligados a ponto de serem indissociáveis, como se um fosse parte do outro, tal como se pode observar na recente coletânea de seus textos dedicados à cidade (RESENDE, 2017).

O aspecto mais específico que foi abordado neste artigo é a crítica a uma sociedade que vive de aparências e valoriza a cultura superficial no romance selecionado para análise. Ali, veremos que vida de Policarpo é marcada por agressões verbais, físicas e sociais, praticadas em uma sociedade que privilegia as aparências e em que a ascensão, muitas vezes, baseia-se em bajulação e acertos escusos. No entanto, a consciência crítica e contemporânea de Quaresma produz em seu interior a vontade de mudança, o desejo de um novo sistema político e social que transforme o seu derredor e todo o Brasil.

Como base teórica, foram utilizados os seguintes autores: Antônio Candido (2003), que escreve sobre a análise social em que Lima Barreto se insere; Wilson Martins, com *A Literatura Brasileira: O Modernismo* (1967), entre outros. Com relação à crítica literária, serão referências textos de Antônio Candido (1967 e 2003), além de um texto crítico de Moacir Scliar (2001) sobre o personagem Policarpo Quaresma e da extensa fortuna crítica, com vários autores, presentes no volume de prosa seleta listado na bibliografia (LIMA BARRETO, 2006), entre outros. Em seguida, abordaremos a vida e a obra de Lima Barreto na sociedade de aparências e contradições do final do século XIX.

Por fim, as considerações finais sintetizam que o estudo da literatura de Lima Barreto é indissolúvel do contexto social de produção numa intensa e crítica visão dos problemas da sociedade carioca da época. Assim, veremos projetados no romance não só os problemas e conflitos que afligiram o Major Quaresma, mas, de certa maneira, os que atingiram o cidadão Lima Barreto e a sociedade de seu tempo, tais como: o preconceito racial, os embaraços políticos e econômicos, a desigualdade, a ligação quase tornada “natural” entre pobreza, doença e cor da pele, temas que continuam bastante atuais para muitos brasileiros.

1 LIMA BARRETO, A VIDA E A OBRA

Em 13 de maio de 1881, nasce Afonso Henriques de Lima Barreto numa casa modesta no bairro das Laranjeiras, na rua Ipiranga, número 18, o filho do casal Amália e João Henriques de Lima Barreto. Seu pai era um culto tipógrafo que trabalhava na Imprensa Nacional; a mãe, professora primária e diretora. Ambos mulatos e expostos à opressão de uma sociedade preconceituosa. O primeiro filho do casal tinha vivido apenas 8 dias. Ao nascer o segundo, o pai quis homenagear um amigo ilustre, o senador Afonso Celso de Assis Figueiredo, o Visconde de Ouro Preto, que seria o futuro padrinho do garoto. A combinação Afonso Henriques relembra a memória do primeiro Rei de Portugal, embora não fosse esta a intenção (BARBOSA, 1964, p. 16).

Em 1888, a Lei Áurea tinha sido assinada, no mesmo dia em que o futuro escritor completava 7 anos. Porém, as leis não eliminam discriminações. Segundo as considerações de Barbosa (1964, p. 29), já nos primeiros anos de vida, Lima Barreto mostrava traços depressivos, que o acompanhariam pela vida. Em dezembro de 1887, a mãe de Lima, Amália, faleceu de tuberculose e desde a década anterior, o pai, João Henriques, apresentara surtos psicóticos.



Segundo Alfredo Bosi (2006, p. 316), ao tratar a ligação da obra do autor com o contexto de produção: “[...] para conhecer o escritor, é necessário saber de sua origem humilde, dos dilemas relacionados à sua cor, à vida penosa de jornalista e amanuense pobre, à viva consciência de sua própria situação social”.

Em 1889, João Henriques, o pai de Lima Barreto, deixou o emprego que ocupava na Imprensa Nacional e partiu com a família para a Ilha do Governador. Mais tarde, por influência do compadre ilustre, o senador Afonso Celso, tornou-se administrador da colônia de alienados mentais da Ilha do Governador. Contudo, Lima Barreto permaneceu no Rio para terminar os estudos. Na época, todos sonhavam com um título de doutor, como refletirá depois o próprio Lima Barreto:

O ensino superior fascina todos [...]. Os seus títulos, como sabeis, dão tantos privilégios, tantas regalias, que pobres e ricos correm para ele. Mas só são três espécies que suscitam esse entusiasmo: o de médico, o de advogado e o de engenheiro [...]” (LIMA BARRETO, 2005, p. 21).

Aos quinze anos, em 1897, Lima Barreto requereu os primeiros exames para ingressar na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e começou a frequentar o curso escolhido: Engenharia Civil. Na Politécnica, o ambiente de jovens ricos, elegantes, que ostentavam sobrenomes famosos e a má vontade de professores e colegas apresentaram, para o mulato Barreto, a hostilidade da discriminação. Nessa época, buscava refúgio na biblioteca e se descobria escritor pelas leituras dos livros de Filosofia. Segundo Lilia Schwarz, em artigo sobre a primeira internação do autor, essa entrada de Lima Barreto em escola de elite mostrava uma certa mobilidade social:

O fato é que no Brasil [...] indivíduos outrora excluídos, por conta da cor ou da origem sociais, passaram a ter acesso a diferentes instituições de consagração e a galgar

posições mais elevadas na hierarquia política do Império (SCHWARTZ, 2012, p. 63).

De maneira inesperada, seu pai, João Henriques, deita-se sadio e acorda em delírio. Enlouquecera de súbito. Afonso Henriques, então, abandona a Escola Politécnica para cuidar dos irmãos e presta concurso para amanuense na Secretaria de Guerra, em outubro de 1903. Ainda de acordo com Lilia Schwarcz (2012, p. 68),

Funcionário público, atuava como amanuense, uma espécie de escriturário, na Secretaria da Guerra, depois de amargar um fracasso na escola superior Politécnica e sucessivas tentativas falhadas de se inserir no reluzente “clube da literatura”, que nessa época passava as tardes nas confeitarias da antiga Corte e se reunia na recém-fundada Academia Brasileira de Artes. Arrimo de família, depois que a loucura de seu pai o tirou do trabalho, Lima Barreto escrevia quando e como podia.

Nessa época, o Rio de Janeiro vivia a grande hora da sua remodelação. Teve seus casarões antigos do centro demolidos em favor das aberturas de largas avenidas, com prédios novos, em estilo art nouveau, tido por modernos. Enquanto nos subúrbios, nos morros, a população pobre vivia marginalizada e abandonada à própria sorte, sem urbanização, saneamento, saúde, muitas vezes sem o direito de participação no mercado de trabalho ou nos resultados do tão conclamado “progresso social”. Em 1909, o jovem escritor publicou o seu primeiro trabalho literário: Recordações do Escrivão Isaías Caminha, com um forte tom autobiográfico no romance: o personagem principal desloca-se do subúrbio para ganhar a vida como jornalista, de pouco sucesso, diga-se, no centro da cidade; é pobre, mas inteligente e bem formado, e possui “uma tez de cor pronunciadamente azeitonada” (LIMA BARRETO, 1998, p. 212).

Em 1915, publica o romance Numa e a ninfa, com uma ficção atravessada pela crítica



social. Ao final do mesmo ano, lança também o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, talvez seu romance de maior sucesso hoje. A obra é centrada no personagem Policarpo Quaresma, o qual pretende estabelecer o tupi-guarani como língua nacional e é

avesso às inovações vindas do estrangeiro. Leitor de livros nacionais e exageradamente patriota, faz um ofício endereçado ao ministro do Interior propondo a introdução do tupi como idioma oficial. O documento é publicado nos jornais, torna-se motivo de piada e, envergonhado, Policarpo, que sempre fora muito discreto, acaba no hospício.

Segundo Schwarcz (2017), Policarpo é uma representação do pai de Lima Barreto. Depois disso, Policarpo compra e se muda para um sítio e pratica a agricultura, pois a considera dádiva dos trópicos. Seu sítio é invadido pelas formigas, que simbolizam os inimigos do país e que destroem os sonhos e as possibilidades de melhorias. Com as decepções vividas, Lima Barreto parecia já prestes a entregar os pontos. A menor decepção conduzia-o ao álcool. Nessa altura da vida, Lima Barreto já era a figura acabada de um alcoólatra. Conforme Lilia Schwarcz (2011, p. 132), “[...] os casos de alcoolismo, como o de Lima, eram aqueles que restavam menos tempo recolhidos no hospital, e o escritor não fugiria à regra”.

Ao terminar o expediente no Ministério, passava na redação do jornal *Correio da Noite* para entregar sua crônica diária. Depois, fazia suas andanças pelos bares antes de retornar a sua casa. Com o vício em bebidas alcoólicas, Lima Barreto passou dois meses internado no Hospital Nacional de Alienados, entre agosto e outubro de 1914. Nessa época, o alcoolismo costumava ser associado a moléstias mentais. Em dezembro de 1919, Lima foi internado pela segunda vez no Hospício até fevereiro de 1920. Nessa ocasião, começou a escrever o romance *O cemitério dos vivos*, que ficou inacabado e seria publicado postumamente em 1953. O

enredo inspira-se em seu *Diário do hospício*, caderno com os registros das experiências no manicômio.

No dia 1º de novembro de 1922, Evangelina, a irmã do autor, entrou no quarto dele e o encontrou morto. No velório, pessoas humildes e desconhecidas, sem sobrenomes ilustres, com quem o autor havia convivido nas mesas de botequim. Para Lima Barreto acabava-se a esperança de atingir em vida a glória literária (BARBOSA, 1964, p. 332).

2 O PERCURSO DE POLICARPO QUARESMA COMO CONTRAPONTO AO CULTO DAS APARÊNCIAS

Neste item serão analisados alguns aspectos relacionados à representação do contexto histórico social, dos valores da sociedade carioca do final do século XIX e a questão das aparências em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto.

O romance, publicado inicialmente em folhetins pelo *Jornal do Comércio* e no jornal *Gazeta da Tarde* no ano de 1911 e em livro em 1915, transita entre dois períodos literários, o Realismo e o chamado “Pré-Modernismo”, e dentre as características desse período estão a objetividade e o realismo, na maneira de escrever e críticas à sociedade da época. No entanto, poderíamos afirmar que sua obra se projeta para além desses estilos de época. Major Policarpo Quaresma, o personagem principal da obra analisada, é chamado por Alfredo Bosi (2006) como o grande Dom Quixote nacional (BOSI, 2006, p. 318).

Com seu fanatismo nacionalista, que lembra o sentimento dos primeiros românticos e por isso mesmo aparece naquele contexto bastante deslocado, o personagem ocupa o cargo de subsecretário do Arsenal de Guerra, dedica-se ao estudo do violão, um instrumento que até então não era bem visto pela sociedade por ser associado à imagem do malandro, como o narrador deixa claro ao comentar a reação dos



vizinhos à presença daquele instrumento logo no primeiro capítulo do livro. É que Quaresma fizera pesquisas folclóricas e constatara que o violão era o mais autêntico instrumento nacional. Suas pesquisas o levam a defender o Tupi como língua oficial do país num requerimento que irá deflagrar um doloroso percurso para o personagem:

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vê na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma - usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro (BARRETO, 2010, p. 36).

Como se pode ver pelo requerimento acima, as preocupações nacionais do personagem beiravam o delírio, embora sempre marcado pela preocupação com um futuro melhor para o país, tornando-o um alvo fácil para aquela sociedade.

Como diz o narrador, Policarpo "[...] não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora fosse cortês com os vizinhos, que o julgavam esquisito e misantropo" (LIMA BARRETO, 2010, p. 07). Assim, chamavam-no de esquisito devido ao seu recolhimento e à extrema regularidade dos seus "hábitos burocráticos". Mas não era só isso, havia também outro fato que chamava atenção dos vizinhos: os livros. Embora ele os usasse discretamente, no recolhimento do seu lar, "aconteciam que, quando se abriam as janelas da sala de sua livraria, da rua poder-se-iam ver as

estantes pejadas de cima abaixo" (LIMA BARRETO, 2010, p. 07). Assim, o simples fato de possuí-los, causava incômodos:

Se não tinha amigos na redondeza, não tinha inimigos, e a única desafeição que merecera, fora a do doutor Segadas, um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livros: 'Se não era formado, para quê? Pedantismo!' (LIMA BARRETO, 2010, p. 07).

Quaresma era um nacionalista e suas leituras estavam voltadas ao conhecimento das coisas da sua terra e da sua gente: "estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política" (LIMA BARRETO, 2010, p. 10). Foi nesta busca que constituiu a sua biblioteca, toda voltada para os interesses nacionais:

Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da Prosopopéia; o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros. Podia-se afiançar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do Major. Da História do Brasil, era farta a messe; os cronistas, Gabriel Soares, Gandavo; e Rocha Pita, Frei Vicente Salvador, Armitagem Aires do Casal, Pereira da Silva, Handermann (geschichte von Brasilien). Melo Soares, Capistrano de Abreu, Senthay, Vamhagen, até de outros mais raros e menos famosos. Então no tocante a viagens e explorações, que riqueza! Lá estavam Hans Staden, o Jean de Léry, o Saint-Hilaire, o Martius, Príncipe de Neuwied, o John Mawe, o von Eschwege, o Agassiz, Couto Magalhães e se encontravam também Darwin, Freycinet, Cook, Bougainville e até o famoso Pigaffeta, cronista da viagem de Magalhães, é porque todos esses últimos viajantes tocavam no Brasil, resumida ou amplamente. Além destes, havia livros subsidiários: dicionários, manuais, enciclopédias, compêndios, em vários idiomas (LIMA BARRETO, 2010, p. 09).



Como se pode ver, o próprio narrador pontua, em um dos muitos comentários sobre o personagem, que essa biblioteca só possuía autores nacionais. O detalhe é o complemento da frase, “ou tidos como tais”, de certa forma ironizando a obsessão do personagem pelas coisas nacionais, tal como alguns personagens irão fazer de maneira nem sempre respeitosa. No entanto, o narrador sempre enfatiza também os grandes ideais do personagem.

Os estudos realizados por Quaresma não eram para exibição vangloriosa, em vãs discussões nos bares e cafés, com ditos intelectuais diplomados pela universidade. As leituras o levaram às ações e aos desejos, que despertaram suas atitudes em prol da valorização da sua pátria.

Por outro lado, encontraremos personagens bem diferentes do gentil e meio alocado personagem, cujo percurso é um contraponto que merece ser ressaltado: Genelício, um funcionário público carreirista; doutor Florêncio, um engenheiro e empregado público, cujos "anos e o sossego da vida lhe tinham feito perder todo o saber que porventura pudesse ter tido ao sair da escola" (LIMA BARRETO, 2010, p. 32); Albernaz, um general reformado, que se vangloriava de há bem quarenta anos não pegar em um livro. Todos esses personagens reprovam os hábitos de Quaresma, pois os livros devem ser reservados aos doutores, aos possuidores de títulos acadêmicos, os quais estariam devidamente preparados e não correriam os riscos que a leitura pode trazer, levando, inclusive, um homem à loucura.

Genelício é um advogado que faz carreira no serviço público, no entanto, desde os tempos de estudante, inicia suas estratégias bajuladoras para conseguir promoções e benefícios junto aos seus superiores. Naquela sociedade do subúrbio, era um rapaz de futuro e já na fase de namoro com uma das filhas do general Albermaz, era bem visto por todos:

Empregado do Tesouro, já no meio da carreira, moço de menos de trinta anos, ameaçava ter grande futuro. Não havia ninguém mais bajulador e submisso do que ele. Nenhum pudor, nenhuma vergonha! Enchia os chefes de todo o incenso que podia. [...] Nos aniversários de nascimento, era um soneto que começa sempre por - "Salve"- e acabava também por - "Salve! Três vezes Salve!" O modelo era sempre o mesmo; ele só mudava o nome do ministro e punha a data. No dia seguinte, os jornais falavam do seu nome, e publicavam o soneto. Em quatro anos, tinha tido duas promoções e agora trabalhava para ser aproveitado no Tribunal de Contas (LIMA BARRETO, 2010, p. 33-34).

É esse mesmo Genelício que reprova os hábitos de leitura de Quaresma: "ele não era formado, para que meter-se em livros?". Pela sua ascensão profissional, publica um livro, a *Síntese de Contabilidade Pública Científica*, e recebe elogios da imprensa carioca e prêmio em dinheiro, além da promessa de ser subdiretor na primeira vaga (LIMA BARRETO, 2010, p. 35). Se para Quaresma possuir livros, escrever requerimentos ou cartas expondo as suas ideias levou-o à desgraça, para Genelício, escrever um livro insignificante, pois era apenas uma compilação de outros autores, significou a glória para ele.

Outro personagem que busca o reconhecimento como sábio, por meio das publicações e dos livros, é Armando Borges, médico de poucas virtudes intelectuais, mas de grande ambição. Casa-se com Olga, filha de Coleoni, um imigrante italiano que chegou no Brasil sem nada e fez fortuna. Pai dedicado, Coleoni queria dar à única filha o bom e o melhor, inclusive no casamento:

Ela quer um doutor - pensava ele - que arranje! Com certeza não terá ceitel, mas eu tenho e as cousas se acomodam. Ele se havia habituado a ver no doutor nacional, o marquês ou o barão de sua terra natal. Cada terra tem sua nobreza; lá, é visconde; aqui, é doutor, bacharelou dentista; e julgou muito



aceitável comprar a satisfação de enobrecer a filha com umas meias dúzias de contos de réis (LIMA BARRETO, 2010, p. 39).

Dessa maneira, quase que por inércia da filha de Coleoni, fez-se o casamento, Olga teve o seu doutor com um título de nobreza e ele, doutor Armando, agora, além do título, era um homem rico. Se para Olga, que cedo percebeu o vazio intelectual do marido, a figura do sábio não se sustentou, para os demais já estava associada à pessoa do personagem, que prezava em cultivá-la. Porém, esse reconhecimento não era suficiente e Armando tinha outras ambições, desejava cargos, nomeações: "queria ter um cargo oficial, médico, diretor ou mesmo lente da faculdade" (LIMA BARRETO, 2010, p. 99). Mas "o concurso, porém, metia-lhe medo. Tinha elementos, estava bem relacionado e cotado na congregação, mas aquela história de arguição apavorava-o" (LIMA BARRETO, 2010, p. 99).

Como se pode ver, cada um desses personagens cultiva cuidadosamente as aparências para evitar que os outros percebam que, por trás da imagem pública, havia uma essência mesquinha, bajuladora e aproveitadora das oportunidades que surgiam ou eles mesmos criavam.

De todos os personagens que interagem com Quaresma, possivelmente a única que o compreende é sua afilhada, Olga. Essa personagem, ao fim do romance, num momento em que Policarpo havia sido condenado à morte, tenta salvá-lo, mas em vão, pois ninguém a ouve. É nesse ponto que a afilhada de Quaresma pronuncia uma frase que mostra bem que aquele tempo não estava preparado para aquele homem sensível e frágil, mas ético e grandioso em seus ideais: "esperemos mais, pensou ela [...]".

Assim, por esse percurso do personagem principal do romance, em contraste com a sociedade de aparências que ele, com sua

sinceridade e ética, ajuda a desnudar, justifica-se o título de um dos artigos mais citados sobre Policarpo Quaresma, de Moacir Scliar: "Triste fim, gloriosa permanência" (SCLIAR, 2001).

CONCLUSÕES

Lima Barreto nos mostra que, no romance, em contraste com a humildade, a ética, os grandes (embora desvairados) ideais de Quaresma, há um culto aos doutores, tidos quase como semideuses, o que os mantinha no topo da hierarquia social. Esse *status*, como buscamos demonstrar em nossa análise, era garantido não pelo caráter, sabedoria, capacidade ou honradez que pudessem possuir ou pela prática com excelência de suas funções profissionais, mas sim pelas artimanhas e bajulações utilizadas como trampolim para a ascensão social.

Os títulos e cargos que esses personagens conseguiam alcançar pelas estratégias escusas formavam um conjunto de imagens altamente valorizados por aquela sociedade do subúrbio, tais como: o sábio, o intelectual, o homem acima de qualquer suspeita ou repreensão. Em contrapartida, Policarpo Quaresma denuncia, não de viva voz, mas com seu percurso, essa hipocrisia das instituições políticas e sociais da sua época, tornando-se um protagonista de vida marcada pela tragédia e pela humilhação.

Lima Barreto, em seu romance, registrou, assim, por meio da configuração e do percurso de um dos maiores personagens da literatura brasileira, conforme a crítica, a exclusão sentida e a luta contra os preconceitos que ele próprio sofrera. A originalidade de sua escrita está também em construir um romance que problematiza, por um lado, a verdade, o ufanismo, as instituições nacionais e, por outro, a política, o elitismo intelectual e o culto das aparências de um Estado organizado para a manutenção dos privilégios de alguns. Interessante perceber que esse romance, publicado em livro pela primeira vez em 1915,



103 anos atrás, portanto, apresenta uma atualidade que poucos de seus contemporâneos mantiveram, tornando sua leitura urgente em nossos dias, em que ainda ocorrem as discriminações mais diversas que, por sua vez, perpetuam as desigualdades presentes em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. **A Nova Califórnia** - Contos. São Paulo: Brasiliense, 1979.

_____. **Os Bruzundangas**. São Paulo: Ática, 1985.

_____. **O homem que sabia javanês e outros contos**. Curitiba: Polo Editorial do Paraná, 1997.

_____. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. **Prosa Seleta**. Organizado por Eliane Vasconcellos. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2006. (Volume único).

_____. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. 1ª ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

_____. Os olhos, a barca e o espelho. In: _____ (Org.). **A educação pela noite e outros ensaios**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2003, p. 39-50.

RESENDE, Beatriz (Org.). **Lima Barreto: cronista do Rio**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2017.

SCLIAR, Moacir. Triste fim, gloriosa permanência. IN: MOTA, Lourenço Dantas; ABDALA JR., Benjamin (Orgs.). **Personae: grandes personagens da literatura brasileira**. São Paulo: Editora do SENAC, 2001, p. 101-118.

SCHWARCZ, Lilia. O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914. **Revista Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 119-150 (jul. 2011).

_____. Moderna República velha: um outro ano de 1922. **Revista IEB**, São Paulo, n. 55, p. 59-88, 2012.

_____. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SANTANA JÚNIOR, J. C.; FREIRE, J. A. T. A crítica social em “Triste Fim de Policarpo Quaresma”. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 5, p. 65-73, 2018.